

Universidade do Vale do Paraíba  
Faculdade de Educação e Artes  
Curso de Pedagogia

Marina Albuquerque Gimenez

**Entre a Agressividade e a Frustração: Desafios da Educação Infantil sob a Ótica da  
Psicanálise**

São José dos Campos  
2025

**Marina Albuquerque Gimenez**

**Entre a agressividade e a frustração: os desafios da educação infantil sob a ótica da psicanálise**

Relatório final de pesquisa apresentado como parte das exigências da disciplina Trabalho de Graduação à Coordenação de TG do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação e Artes da Universidade do Vale do Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Lauro Take Tomo Veloso

São José dos Campos/SP  
2025

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DIVULGAÇÃO DA OBRA**

**Ficha catalográfica**

Gimenez, Marina  
Entre a agressividade e a frustração: os desafios da educação  
infantil sob a ótica da psicanálise / Marina Gimenez;  
orientador, Lauro Take Tomo Veloso. - São José dos Campos, SP,  
2025.

27 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Universidade do Vale  
do Paraíba, São José dos Campos. Pedagogia.

Inclui referências

1. Pedagogia. 2. Psicanálise. 3. Educação infantil. 4.  
Agressividade. 5. Frustração. I. Take Tomo Veloso, Lauro, orient.  
II. Universidade do Vale do Paraíba. Pedagogia. III. Título.

Eu, Marina Gimenez, autor(a) da obra acima referenciada:

Autorizo a divulgação total ou parcial da obra impressa, digital ou fixada em  
outro tipo de mídia, bem como, a sua reprodução total ou parcial, devendo o  
usuário da reprodução atribuir os créditos ao autor da obra, citando a fonte.

Declaro, para todos os fins e efeitos de direito, que o Trabalho foi elaborado  
respeitando os princípios da moral e da ética e não violou qualquer direito de  
propriedade intelectual sob pena de responder civil, criminal, ética e  
profissionalmente por meus atos.

São José dos Campos, 15 de Dezembro de 2025.



Documento assinado digitalmente  
MARINA ALBUQUERQUE GIMENEZ  
Data: 15/12/2025 19:57:06-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Autor(a) da Obra

Data da defesa: 04 / 12 / 2025

## **Agradecimentos**

Ao olhar para o percurso trilhado ao longo da graduação, reconheço com gratidão as pessoas e instituições que contribuíram de forma significativa para a realização deste trabalho e para minha formação acadêmica e pessoal.

À Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), onde iniciei minha trajetória no ensino superior e tive meu primeiro contato com a psicanálise por meio da disciplina Psicanálise e Educação, experiência que despertou em mim profundo encantamento e direcionou meus interesses de estudo.

À professora Camila Beltrão Medina, coordenadora do curso de pedagogia na Universidade do Vale do Paraíba (Univap), pelo acolhimento afetuoso desde o início, pela escuta atenta e por toda a disponibilidade demonstrada ao longo do percurso.

Ao meu orientador, professor Lauro Take Tomo Veloso, por sua orientação cuidadosa e comprometida. Agradeço por compartilhar sua sabedoria e clareza intelectual, conduzindo este trabalho com maestria, dedicação e sensibilidade.

À minha mãe, Genilda Rodrigues Albuquerque, pelo apoio incondicional desde o início da graduação, por sua presença constante e por acreditar em mim mesmo diante das dificuldades.

À minha companheira, Luna Emerick Landi, por seu suporte emocional fundamental durante o processo de escrita deste trabalho, oferecendo força, incentivo e amor nos momentos mais desafiadores.

A cada pessoa que, direta ou indiretamente, fez parte desta caminhada, deixo registrado meu mais sincero agradecimento.

*“Educar, governar e psicanalisar são  
profissões impossíveis.”*  
(Sigmund Freud)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir, à luz da psicanálise, sobre os desafios relacionados à agressividade e à frustração na Educação Infantil, considerando os aspectos inconscientes que atravessam o comportamento das crianças nessa etapa do desenvolvimento. A pesquisa fundamenta-se em autores como Sigmund Freud, Donald Winnicott, Jacques Lacan, Leny Mrech e Paulo Freire, que contribuem para compreender a formação psíquica e a importância das emoções no processo educativo. De abordagem qualitativa e natureza bibliográfica, o estudo baseou-se na análise de obras e artigos científicos que discutem a constituição psíquica infantil, os conflitos emocionais e suas manifestações no contexto escolar. A investigação evidenciou que a agressividade e a frustração são expressões legítimas do desenvolvimento psíquico, sendo a frustração um elemento estruturante que possibilita à criança lidar com limites e com a alteridade. Observou-se que a falta de compreensão desses aspectos por parte dos educadores pode resultar em práticas punitivas, que reprimem em vez de elaborar as emoções. Nesse sentido, o olhar psicanalítico oferece à pedagogia contemporânea uma nova leitura sobre o comportamento infantil, favorecendo práticas de escuta, acolhimento e mediação. O trabalho destaca ainda o potencial do dispositivo da conversação como operador pedagógico, capaz de transformar conflitos em experiências de simbolização e aprendizagem. A análise revela que reconhecer os aspectos inconscientes no cotidiano escolar é fundamental para práticas pedagógicas mais humanizadas, nas quais a criança seja compreendida como sujeito de desejo e de linguagem, e não apenas como receptora de conteúdos.

Palavras-chave: Psicanálise; Educação Infantil; Agressividade; Frustração; Aspectos inconscientes; Conflitos psíquicos infantis.

## **ABSTRACT**

This study aims to reflect, in light of psychoanalysis, on the challenges related to aggression and frustration in Early Childhood Education, considering the unconscious aspects that influence children's behavior at this stage of development. The research is based on authors such as Sigmund Freud, Donald Winnicott, Jacques Lacan, Leny Mrech, and Paulo Freire, who contribute to understanding psychic formation and the importance of emotions in the educational process. With a qualitative and bibliographic approach, the study was based on the analysis of scientific works and articles that discuss children's psychic constitution, emotional conflicts, and their manifestations in the school context. The research showed that aggression and frustration are legitimate expressions of psychic development, with frustration being a structuring element that enables children to deal with limits and otherness. It was observed that a lack of understanding of these aspects on the part of educators can result in punitive practices that repress emotions rather than helping children to process them. In this sense, the psychoanalytic perspective offers contemporary pedagogy a new interpretation of children's behavior, favoring practices of listening, welcoming, and mediation. The study also highlights the potential of conversation as a pedagogical tool, capable of transforming conflicts into experiences of symbolization and learning. The analysis reveals that recognizing unconscious aspects in everyday school life is fundamental to more humanized pedagogical practices, in which children are understood as subjects of desire and language, and not merely as recipients of content.

**Keywords:** Psychoanalysis; Early Childhood Education; Aggression; Frustration; Unconscious aspects; Childhood psychological conflicts.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2 A PSICANÁLISE E SEUS PRINCÍPIOS .....</b>	<b>6</b>
<b>3 DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO E SUA MANIFESTAÇÃO NA EDUCAÇÃO... 10</b>	
<b>4 O POTENCIAL DA PSICANÁLISE PARA A PEDAGOGIA</b>	
<b>CONTEMPORÂNEA.....</b>	<b>14</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>17</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>19</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A infância é um período marcado por intensas transformações psíquicas, sociais e afetivas. É nessa fase que a criança dá os primeiros passos rumo à constituição de sua identidade, vivenciando descobertas e aprendizados, mas também conflitos. Na Educação Infantil, esse processo de amadurecimento psíquico se manifesta de maneira intensa nas relações que a criança estabelece com os adultos e com os pares. Compreender esses movimentos exige muito mais do que observar comportamentos: requer escuta, sensibilidade e um olhar atento ao que se revela nas entrelinhas das ações infantis.

Entre as muitas expressões emocionais que emergem nesse contexto, a agressividade e a frustração ocupam lugar central. Muitas vezes vistas como desvios de conduta ou sinais de má criação, essas manifestações são, na verdade, elementos fundamentais no desenvolvimento do sujeito. Por trás de um gesto agressivo ou de uma reação frustrada, pode haver o eco de conflitos inconscientes, desejos não elaborados, dificuldades de simbolização e experiências que extrapolam o presente imediato. É nesse ponto que a psicanálise se apresenta como uma lente potente para a leitura da infância no contexto educacional.

Este trabalho propôs uma reflexão sobre os desafios da Educação Infantil a partir da ótica da psicanálise, com foco nas manifestações de agressividade e frustração e nas possíveis relações com o Complexo de Édipo, conceito central na teoria freudiana. A proposta não é patologizar comportamentos, tampouco oferecer receitas de intervenção, mas aprofundar a compreensão sobre o universo emocional infantil, reconhecendo que a criança é um sujeito atravessado por afetos, pulsões e desejos — ainda que nem sempre verbalizados.

Posto isso, autores como Sigmund Freud, Donald Winnicott e Leny Mrech oferecem fundamentos teóricos valiosos para compreender a formação psíquica da criança e os impactos da agressividade e da frustração no desenvolvimento infantil, a partir da ótica da psicanálise. No campo educacional, Paulo Freire enriquece a discussão ao enfatizar o papel político da educação e a função estratégica do pedagogo como mediador entre o sujeito e o conhecimento, comprometido com práticas pedagógicas que assegurem o direito à educação de qualidade.

Mais do que uma análise teórica, esta pesquisa busca contribuir para um debate necessário no campo educacional: de que maneira o reconhecimento da vida psíquica da

criança pode transformar as práticas pedagógicas e favorecer a construção de ambientes mais acolhedores e significativos? Refletir sobre a infância à luz da psicanálise é também questionar os modos como a escola lida com as emoções, os limites e os conflitos — e, sobretudo, é reconhecer a criança como sujeito de desejo, em pleno processo de constituição subjetiva e de inserção no laço social.

Nesse contexto, a escolha desse tema surgiu da observação direta de comportamentos agressivos no ambiente escolar que despertaram questionamentos sobre a origem dessas manifestações na infância, especialmente quando associados a contextos familiares complexos. Situações observadas em sala de aula evidenciam que, muitas vezes, atitudes impulsivas e dificuldades de socialização podem refletir conflitos emocionais mais profundos, sugerindo a importância de compreendê-los à luz da psicanálise. Sendo assim, é possível compreender o interesse em investigar, por meio de uma abordagem teórica, como as manifestações de agressividade e frustração infantil podem estar relacionadas a processos inconscientes, como os implicados no Complexo de Édipo.

Embora a psicanálise proporcione uma rica base teórica para compreender os processos inconscientes da infância, percebe-se uma lacuna entre esse referencial e sua aplicação prática na rotina da Educação Infantil. O Complexo de Édipo, por exemplo, é pouco explorado na formação pedagógica e ainda menos debatido nos ambientes escolares, o que dificulta o reconhecimento de como conflitos internos podem repercutir nas atitudes das crianças. Além disso, a formação docente frequentemente não contempla ferramentas que possibilitem o acolhimento e a mediação das emoções infantis de forma empática e estruturada.

Sendo assim, esta pesquisa se justificou pela necessidade de ampliar o olhar dos educadores para as dimensões afetivas e pulsionais da infância, reconhecendo que compreender e acolher essas expressões é fundamental no ambiente escolar. Assim, este estudo visou contribuir tanto para o campo da educação quanto para a formação docente, ao considerar o dispositivo da conversação como um instrumento valioso no contexto educacional. Tal dispositivo valoriza a particularidade de cada sujeito, mesmo quando inserido em um contexto grupal, promovendo práticas mais humanizadas e alinhadas às necessidades emocionais das crianças.

Diante do exposto, entende-se que a agressividade e a frustração na infância não são apenas desafios comportamentais a serem corrigidos, mas expressões de processos inconscientes essenciais para o desenvolvimento psíquico da criança. No ambiente escolar, a falta de compreensão sobre esses aspectos pode levar a intervenções inadequadas por parte dos professores, resultando em respostas punitivas e repressivas que não contribuem para o desenvolvimento da criança. Muitas vezes, a escola adota abordagens disciplinadoras que buscam apenas eliminar os comportamentos considerados inadequados, sem refletir sobre suas causas e sem oferecer alternativas para que a criança elabore suas emoções. Essa postura pode gerar impactos negativos, como dificuldades na construção da autoestima, retraimento social, aumento da ansiedade e até mesmo a intensificação da agressividade como forma de defesa.

Juntamente com isso, é possível perceber que professores que possuem um embasamento teórico sólido em psicanálise, desenvolvimento infantil e minimamente experimentam da psicanálise como experiência de escuta, tendem a adotar práticas pedagógicas mais empáticas e reflexivas, reconhecendo que a agressividade e a frustração não devem ser simplesmente suprimidas, mas trabalhadas de maneira a auxiliar a criança na construção de recursos internos para lidar com seus impulsos e limites.

Sendo assim, a escuta ativa, a mediação de conflitos e a criação de espaços para expressão emocional são estratégias que podem contribuir para um ambiente escolar mais acolhedor e equilibrado. Posto isso, nota-se que a formação docente tem um impacto significativo na maneira como essas manifestações são manejadas no ambiente escolar.

Logo, o presente trabalho teve como objetivo geral refletir, a partir da perspectiva psicanalítica, sobre os desafios relacionados à agressividade e à frustração na Educação Infantil. A pesquisa buscou promover uma compreensão mais ampla dos processos emocionais vivenciados pelas crianças nessa etapa do desenvolvimento, considerando os aspectos inconscientes que atravessam suas experiências e relações. A partir dessa abordagem, pretendeu-se contribuir para o aprofundamento teórico sobre os fatores que influenciam o comportamento infantil no contexto escolar.

Para alcançar o objetivo geral, fez-se necessário definir metas que orientaram o percurso investigativo e aprofundaram as reflexões propostas. Assim, o trabalho se desdobrou

em objetivos específicos que pretenderam ampliar a compreensão teórica e prática acerca da agressividade e da frustração na educação infantil:

1. Entender como esses fenômenos se constituem no desenvolvimento da criança sob a perspectiva psicanalítica;
2. Investigar as contribuições da temática do Complexo de Édipo para a compreensão dos comportamentos emocionais na primeira infância;
3. Identificar, no cotidiano escolar, indícios de conflitos emocionais relacionados ao Complexo de Édipo que possam emergir na forma de agressividade ou frustração.
4. Compreender como uma formação que contemple a relação entre psicanálise e educação pode auxiliar no desenvolvimento de práticas mais empáticas, como a escuta ativa.
5. Refletir sobre a relevância de reconhecer os aspectos inconscientes que atravessam o comportamento infantil, de modo a favorecer uma leitura mais profunda e sensível das manifestações emocionais na Educação Infantil.

Diante dos objetivos estabelecidos, torna-se necessário explicitar os procedimentos metodológicos que orientaram a construção deste trabalho. O presente estudo possui abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico, com fundamentação teórica ancorada na psicanálise, especialmente nos conceitos desenvolvidos por Sigmund Freud, qualificando-se então, como um estudo analítico-descritivo que contempla revisão de literatura. Para tanto, foram pesquisadas bases de dados como SCIELO, Biblioteca Digital da USP, Banco Internacional de Objetivos Educacionais e Web Qualis - Classificação dos Periódicos em Educação - utilizando descritores como psicanálise, educação infantil, agressividade, frustração, aspectos inconscientes e conflitos psíquicos infantis.

Para conduzir uma revisão de literatura sobre agressividade e frustração na educação infantil sob a ótica da psicanálise, foram estabelecidos critérios claros de inclusão e exclusão na seleção dos artigos científicos. Trabalhos que mencionam a relação entre a frustração infantil e a agressividade, assim como os que abordam o funcionamento e desdobramentos do desenvolvimento psíquico infantil, foram fontes de análise para a presente pesquisa.

As fontes consultadas incluíram livros, artigos acadêmicos, dissertações, teses e documentos oficiais sobre educação infantil, psicanálise e desenvolvimento infantil. Assim, a metodologia adotada objetivou promover uma reflexão crítica sobre os desafios enfrentados

por educadores diante das manifestações de agressividade e frustração infantil, buscando compreender esses comportamentos como expressões psíquicas que requerem escuta, acolhimento e mediação no espaço escolar.

## 2 A PSICANÁLISE E SEUS PRINCÍPIOS

A Psicanálise, desenvolvida por Freud, é uma teoria do funcionamento psíquico baseada na existência do inconsciente, onde residem desejos, memórias e conflitos não acessíveis à consciência, mas que influenciam significativamente o comportamento e o afeto (Freud, 1915/2014). A personalidade se estrutura por meio da interação entre o Isso (instâncias pulsionais), o Eu (mediador com a realidade) e o Supereu (instância moral).

Nesse contexto, conceitos como pulsão, recalçamento, defesa e desenvolvimento psicosssexual são fundamentais para compreender os fenômenos da infância. Dessa forma, Freud (1920/2010) postula que a agressividade está vinculada à pulsão de morte (Thanatos) e se manifesta como uma energia destrutiva dirigida contra o outro ou contra si mesmo. Entretanto, essa dimensão não é apenas negativa: é constitutiva da vida psíquica e, quando simbolizada e elaborada, pode ser canalizada de forma sublimada para processos criativos e sociais.

Por conseguinte, faz-se imprescindível o entendimento da frustração pela psicanálise. A frustração se refere à impossibilidade de satisfação imediata dos desejos. Freud (1930/2010) a compreende como uma experiência inevitável, estruturante do psiquismo: é diante da frustração que a criança se depara com a lei e com os limites da realidade. Sob o mesmo ponto de vista, Winnicott (1983) acrescenta que a frustração, quando administrada de modo gradual e suportável, é essencial ao amadurecimento emocional, pois ajuda a criança a diferenciar fantasia de realidade e a desenvolver recursos internos para lidar com perdas e contrariedades.

A partir desse entendimento, impõe-se a necessidade de delimitar o conceito de Complexo de Édipo, visto que é parte do objetivo da pesquisa. Trata-se de uma vivência psíquica universal, experimentada por todas as crianças. Estudos no campo da psicanálise, indicam que essa experiência ocorre independentemente da cultura em que a criança está inserida, sendo considerada um processo estruturante do desenvolvimento humano. Nesse sentido, Roudinesco (2003) afirma que o Complexo de Édipo é uma estrutura universal do psiquismo, embora sua manifestação concreta varie conforme os arranjos familiares e os contextos socioculturais. Tal perspectiva permite compreender que, apesar das diferenças culturais, a criança vivencia um investimento afetivo intenso em uma figura provedora de cuidados, atribuindo-lhe forte carga emocional.

O declínio do Complexo de Édipo acontece quando a criança se confronta com a impossibilidade de possuir essa figura de cuidado de forma plena e exclusiva, vivenciando a frustração como um limite fundamental. Quando essa elaboração se processa de maneira adequada, atinge-se o que a psicanálise denomina ponto ótimo do Complexo de Édipo — momento em que a criança simboliza a perda da exclusividade afetiva, reconhece a presença de uma terceira função que introduz a lei e passa a deslocar seus investimentos para outras pessoas e relações sociais.

Embora esse processo possa parecer conturbado, trata-se de uma experiência essencial para a formação subjetiva. Ao reconhecer essa impossibilidade, a criança passa a direcionar seus investimentos afetivos para outras pessoas ao seu redor, ampliando suas relações e favorecendo a socialização. Assim, o desenvolvimento social só se torna possível a partir do declínio do Complexo de Édipo em seu ponto ótimo, isto é, quando a criança assimila que essa figura cuidadora não pode pertencer-lhe inteiramente.

Logo, é preciso a compreensão dos os estágios do desenvolvimento psicosssexual — oral, anal, fálico, latência e genital — que, segundo Freud (1905/2016), determinam a formação da personalidade. As experiências nos primeiros anos de vida são determinantes para a constituição psíquica, refletindo-se no modo como a criança lida com a aprendizagem, com regras e com as relações sociais. Dificuldades emocionais nessa fase podem resultar em comportamentos como desatenção, resistência ou agressividade na escola.

Tendo em vista tais considerações, a mordida — frequentemente observada na Educação Infantil — pode ser compreendida como um comportamento que se inscreve no âmbito do desenvolvimento psicosssexual, especialmente pelas características ligadas à oralidade, à busca sensorial e ao uso do corpo como meio primário de exploração e comunicação. Embora possua tais dimensões desenvolvimentais, aqui será tomada como exemplo de uma manifestação de frustração que, diante da ainda limitada capacidade da criança de simbolizar e verbalizar seus afetos, emerge sob a forma de agressividade.

Sendo assim, Lacan (1956/1995) aprofunda a compreensão da frustração ao relacioná-la à experiência da falta, conceito central em sua teoria. O autor distingue três formas principais dessa falta — privação, frustração e castração — que ajudam a compreender o modo como o sujeito se constitui e lida com os limites impostos pela realidade. Para o autor, o excesso de frustração pode desorganizar o psiquismo infantil,

enquanto a ausência dela impede o amadurecimento emocional. Dessa forma, a escola se apresenta como um espaço privilegiado para a mediação dessas experiências: ao impor regras, promover a convivência com o outro e exigir o adiamento da gratificação, ela participa ativamente da construção dos limites internos.

A privação, segundo Lacan, está ligada a uma falta que pertence ao campo do real. Ela diz respeito a algo que simplesmente não existe ou não pode ser dado, e por isso causa um vazio que não depende da vontade de ninguém. É como se fosse uma ausência estrutural, algo que falta desde o princípio. A criança, por exemplo, pode viver essa falta quando se depara com situações que estão fora do seu alcance, como o afastamento de um familiar ou a ausência de algo que nunca pôde ter.

No contexto escolar, a privação pode ser percebida em alunos que demonstram dificuldade de concentração, desinteresse ou comportamentos regressivos, muitas vezes relacionados a carências afetivas, sociais ou materiais que ultrapassam o espaço da escola. Nesses casos, o professor observa os efeitos dessa falta, mas ela não pode ser “reparada” apenas com atitudes pedagógicas, pois se trata de uma ausência que pertence à realidade do sujeito.

Já a frustração é uma falta que acontece no campo do imaginário e envolve a relação com outra pessoa — geralmente uma figura importante, como a mãe ou o educador. Ela ocorre quando o sujeito deseja algo que lhe é negado, o que gera um sentimento de perda ou de injustiça. Lacan explica que essa experiência é marcada por um “dano imaginário”, pois a criança acredita ter sido privada de algo que, na verdade, não lhe pertence. No ambiente escolar, essa ideia aparece quando o professor impõe limites, diz “não” ou adia uma satisfação imediata. A criança pode reagir com raiva ou resistência, sentindo-se frustrada, mas esse processo é essencial para o aprendizado sobre os limites da convivência e sobre o controle dos próprios impulsos.

Por fim, a castração é uma forma de falta que pertence ao simbólico, ou seja, ao campo das leis e regras que organizam a vida em sociedade. Lacan relaciona esse conceito à teoria freudiana do Complexo de Édipo e à interdição do incesto, mostrando que a castração introduz o sujeito no universo da linguagem e das normas. Nesse sentido, não se trata da perda de algo real, mas do reconhecimento de que existem limites e proibições que regulam o desejo. Na educação, essa dimensão simbólica aparece quando a criança compreende que há

regras a serem seguidas e que nem tudo pode ser feito ou obtido. Assim, o processo educativo ajuda o sujeito a lidar com a falta de maneira simbólica, aprendendo a conviver com o desejo e com as restrições que fazem parte da vida social.

Diante do exposto, observa-se que a psicanálise oferece importantes contribuições para a compreensão do desenvolvimento psíquico infantil, ao evidenciar que manifestações como agressividade e frustração fazem parte de processos estruturantes da subjetividade. Desde Freud até Lacan, os conceitos apresentados permitem compreender que o sujeito se constitui na relação com o outro, com o desejo e com os limites impostos pela realidade e pela vida social. Assim, tais referenciais teóricos possibilitam uma leitura mais aprofundada das experiências vividas na infância, especialmente no contexto educativo.

### 3 DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO E SUA MANIFESTAÇÃO NA EDUCAÇÃO

O desenvolvimento psíquico está diretamente relacionado à formação da personalidade, processo que tem início nos primeiros anos de vida e se estrutura a partir das primeiras relações estabelecidas com as figuras parentais ou cuidadores. Assim, Freud (1905/2016) demonstra que essas experiências precoces exercem papel decisivo na constituição do psiquismo infantil, influenciando os modos de satisfação pulsional, a organização do desejo e a forma como o sujeito passa a se posicionar no mundo.

Ou seja, esses vínculos inaugurais não apenas introduzem a criança na vida relacional, mas também fornecem as primeiras referências de autoridade, limite e afeto, fundamentais para o processo de socialização. Nesse sentido, o desenvolvimento do Eu está intimamente ligado às identificações primárias com essas figuras significativas. Conforme Freud (1923/2011), o Eu se constitui progressivamente a partir dessas identificações, assumindo a função de mediação entre as exigências pulsionais, as instâncias normativas e a realidade.

A dinâmica entre desejo e limite torna-se central neste processo. Em “Inibições, sintomas e ansiedade”, Freud (1926/2010) aprofunda sua compreensão acerca da ansiedade, concebendo-a como um sinal de alarme do Eu diante de conflitos inconscientes. Tal concepção permite compreender que manifestações como retraimento, inibição ou agressividade não devem ser entendidas apenas como comportamentos isolados, mas como expressões simbólicas de conflitos psíquicos em elaboração.

Analogamente, a repressão ocupa lugar estruturante na teoria freudiana. Desde seus primeiros escritos, Freud compreende o recalque como um mecanismo necessário à constituição do sujeito, uma vez que possibilita a inserção do indivíduo na vida social. O autor explicita que a cultura exige a renúncia a determinadas satisfações pulsionais para que a vida em sociedade seja possível (Freud, 1930/2010). Contudo, essa renúncia não se dá sem custos, podendo produzir sofrimento psíquico quando ocorre de forma excessiva ou rígida.

Nesse contexto, o inconsciente assume papel central. Em “O inconsciente”, Freud (1915/2010) demonstra que ele não se limita a um depósito de conteúdos reprimidos, mas constitui um sistema ativo que busca expressão por meio de sintomas, atos falhos e afetos desproporcionais. Assim, desejos recalcados e conflitos não simbolizados continuam a operar no sujeito, influenciando suas ações e reações mesmo fora do campo da consciência.

De maneira semelhante, Nasio (1993), explica que o desejo não se reduz à vontade consciente, mas é expressão do inconsciente, manifestando-se nos vínculos estabelecidos. No processo educativo, o aluno não aprende apenas conteúdos: ele é movido pelo desejo de reconhecimento e pelo desejo de responder ao desejo do professor. Da mesma forma, o professor não ensina apenas saberes objetivos: ele transmite também seu próprio desejo de ensinar, de ser escutado e de formar sujeitos.

Nesse sentido, a escola se apresenta como um espaço privilegiado para a manifestação de conteúdos psíquicos. Comportamentos como agressividade, retraimento ou dificuldades persistentes de aprendizagem podem ser compreendidos como expressões simbólicas de conflitos inconscientes, exigindo do educador uma escuta sensível. Mrech (2002) destaca que a instituição escolar deve ser pensada como um espaço de escuta, no qual o comportamento da criança não seja reduzido a algo a ser corrigido, mas compreendido como linguagem do psiquismo.

Nesse debate, a contribuição de Freire (1987), torna-se especialmente relevante. Para o autor, a prática educativa deve sempre considerar a criança como sujeito de direitos e portadora de uma voz que precisa ser reconhecida. Quando ele afirma que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo: os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, evidencia-se que a relação pedagógica na Educação Infantil não pode se estruturar na lógica da obediência cega ou do controle constante. Isso implica compreender que comportamentos de agressividade ou frustração não são meras desobediências, mas expressões de processos internos que precisam ser escutados e mediados com sensibilidade.

Além disso, Freire (1996), diferencia a autoridade de autoritarismo e enfatiza que a autoridade docente não pode se converter em práticas que silenciem ou oprimam a criança. Tais práticas, ao desconsiderarem o diálogo e a experiência concreta do sujeito, produzem medo, retraimento e bloqueios emocionais. Assim, quando o educador impõe limites de forma dialógica, ética e acolhedora, cria um ambiente em que a criança pode vivenciar a frustração sem experimentá-la como violência simbólica, favorecendo a construção da autonomia e da elaboração emocional.

A partir dessa aproximação entre Freire e a psicanálise, torna-se possível compreender que educar não é normatizar comportamentos, mas abrir espaços simbólicos para que a criança expresse seus afetos, elabore seus conflitos e participe ativamente da construção de

sua própria experiência. Nesse sentido, o diálogo — princípio central na pedagogia freireana (Freire, 1996) — revela-se como uma via essencial para que a criança possa significar sua agressividade e frustração, transformando-as em processos de desenvolvimento e não em barreiras emocionais.

Nesse sentido, Marcuse (1978) torna-se relevante ao distinguir repressão necessária, que possibilita a vida coletiva, de repressão excedente, fruto de estruturas sociais opressoras, que serve mais à manutenção do poder do que à formação ética do sujeito. No contexto escolar, a repressão excedente pode se manifestar quando a autoridade docente se converte em autoritarismo, produzindo punições desproporcionais e silenciamento da criança. Especialmente na Educação Infantil, a antecipação de exigências de autocontrole que não correspondem ao estágio de desenvolvimento pode gerar angústia, agressividade ou retraimento.

Winnicott (1958/1983), por sua vez, contribui com a compreensão de que a frustração é uma experiência inevitável e estruturante no desenvolvimento psíquico da criança mas pode ser acompanhada por manifestações agressivas ao desenvolver o conceito de ambiente “suficientemente bom”, ou seja, capaz de oferecer à criança pequenas frustrações graduais, sem romper com o sentimento de segurança básica e, conjuntamente a isso, o conceito de “mãe suficientemente boa”.

Uma ilustração desse conceito pode ser encontrada no filme *Ray* (2004), que retrata a vida do músico Ray Charles. Com o filho cego, a mãe não o superprotege, mas o incentiva a enfrentar a realidade, favorecendo sua independência e resiliência. Essa postura exemplifica a função de uma “mãe suficientemente boa”: oferecer apoio sem impedir que a criança entre em contato com a frustração necessária ao crescimento.

Esse conceito pode ser transposto para o campo educacional. Autores como Kupfer (2000) e Mrech (2002) ampliaram a ideia para falar do professor suficientemente bom: o educador que acolhe o aluno em sua singularidade, mas que também sustenta limites e oferece desafios. Assim como a mãe de Ray, cabe ao educador, portanto, compreender que a agressividade pode ser expressão de um sofrimento ligado à frustração, e não apenas um ato voluntário de desobediência.

O acolhimento dessas manifestações, aliado à firmeza na imposição de limites claros e constantes, favorece o processo de simbolização e ajuda a criança a lidar com as inevitáveis

perdas que marcam o ingresso na cultura. Assim, a escola contribui não apenas para a formação moral da criança, mas também para sua saúde psíquica.

Faz-se, então, imprescindível a compreensão da dimensão grupal da escola. Kaës (1997) ao aprofundar a compreensão psicanalítica dos grupos, destaca que o grupo escolar funciona como um campo de projeções e identificações recíprocas, no qual cada sujeito carrega marcas psíquicas de suas vivências anteriores e as inscreve nas relações grupais. A escola, portanto, não é neutra em relação à vida psíquica do aluno, uma vez que é um espaço propício para serem despertados conflitos não resolvidos, e o professor, por sua vez, também é atravessado por conteúdos inconscientes que influenciam sua prática e suas reações diante dos comportamentos infantis.

Portanto, o desenvolvimento psíquico infantil é marcado por tensões entre desejo, limite e frustração, mediadas pelas relações primárias e pelas experiências simbólicas que permitem ao sujeito elaborar suas perdas e conflitos. Esses elementos constituem a base sobre a qual se estruturam as experiências posteriores, inclusive aquelas vividas no campo educacional.

#### 4 O POTENCIAL DA PSICANÁLISE PARA A PEDAGOGIA CONTEMPORÂNEA

Ao reconhecer o sujeito como atravessado por desejos inconscientes e conflitos internos, a psicanálise oferece à pedagogia contemporânea uma perspectiva ampliada sobre o processo educativo. Em vez de centrar-se exclusivamente em métodos e conteúdos, essa abordagem convida a considerar os aspectos subjetivos que permeiam o ensinar e o aprender. Como já indicava Freud (1930/2010), educar, assim como governar e psicanalisar, configura-se como um dos “ofícios impossíveis”, justamente por lidar com resistências, limites e impasses estruturais.

Sendo assim, a relação com figuras de autoridade, especialmente o professor, desempenha papel central nesse contexto. Freud (1923/2011) já indicava que o Eu se constitui a partir de identificações com figuras significativas, o que permite compreender por que o docente frequentemente ocupa, para a criança, o lugar de uma figura parental. Nessa relação, emergem fenômenos como a transferência, definida por Freud como a reedição de protótipos relacionais infantis nas relações atuais. Assim, sentimentos de amor, rejeição, idealização ou resistência podem ser deslocados para o professor, influenciando diretamente o processo de aprendizagem.

Da mesma maneira, segundo Souza e Oliveira (2020), a relação educativa é atravessada por essa rede de desejos e identificações. O inconsciente se faz presente na sala de aula quando a criança projeta no professor aspectos de sua história familiar e quando o professor, por sua vez, transfere para os alunos traços de sua própria experiência subjetiva. Nesse sentido, a transferência pode tanto favorecer quanto dificultar a aprendizagem, dependendo de como é reconhecida e manejada.

Por conseguinte, o dispositivo da conversação, proposto por Miller na década de 1990, é promissor para o campo educacional. Segundo Miranda, Vasconcelos e Santiago (2006), trata-se de um dispositivo inspirado na lógica da associação livre, que possibilita a circulação da palavra em contextos coletivos, sem a centralização do saber em uma única autoridade. No campo educacional, a conversação permite que conflitos sejam simbolizados e elaborados coletivamente. Com isso, Miller dialoga com Kaës ao compreender a potencialidade das dinâmicas grupais em relação à emersão de aspectos inconscientes.

De acordo com as autoras, o dispositivo da conversação foi criado pelo CIEN (Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Infância) em 1996, com a finalidade de articular a

psicanálise a outros discursos, sobretudo no campo da infância. Diferente de um simples debate, a conversação se organiza a partir da lógica da associação livre coletivizada, em que saberes e experiências circulam sem que o conhecimento esteja centralizado em uma única autoridade (Miller, 2005, apud Miranda; Vasconcelos; Santiago, 2006).

Na prática escolar, a conversação permite que professores, alunos e comunidade compartilhem experiências e elaborem coletivamente novos sentidos para os impasses cotidianos. Estudos como o de Jacob et al. (2008) demonstram que, em encontros realizados em escolas públicas do Rio de Janeiro, o dispositivo possibilitou aos educadores refletirem sobre as causas do fracasso escolar, reconhecendo-o não como um problema individual da criança, mas como um fenômeno coletivo, atravessado pela cultura e pela política educacional.

Para além do trabalho com professores, a conversação pode ser aplicada diretamente com as crianças em rodas de conversa e assembleias, práticas que favorecem a expressão da singularidade e o reconhecimento da alteridade. Nessas situações, a agressividade pode ser simbolizada pela palavra e a frustração pode ser trabalhada como parte da vida coletiva, permitindo que os conflitos deixem de ser vistos apenas como indisciplina e passem a ser entendidos como material de aprendizagem (Mrech; Rahme, 2009).

Tendo em vista as dinâmicas grupais do contexto escolar Rocha e Castro (2019), bem como Mrech, destacam que os conflitos que surgem nesse ambiente — tanto entre pares quanto entre aluno e professor — revelam, muitas vezes, dificuldades subjetivas relacionadas à organização psíquica infantil. Do ponto de vista da psicanálise, tais manifestações devem ser acolhidas como sintomas — no sentido freudiano — e não apenas reprimidas.

Torna-se possível ainda, estabelecer uma relação direta entre a escuta psicanalítica no contexto escolar e o campo de experiências “O eu, o outro e o nós”, proposto pela Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil (Brasil, 2017). Esse campo enfatiza que a criança constrói sua identidade e sua subjetividade nas relações que estabelece com os outros, por meio da convivência, do diálogo, do enfrentamento de conflitos e da vivência de frustrações próprias da vida coletiva. Tal perspectiva converge com a compreensão psicanalítica de que o sujeito se constitui na relação com o outro, sendo atravessado por desejos, limites e afetos que precisam ser simbolizados.

Sendo assim, ao reconhecer a agressividade e a frustração não como falhas

comportamentais, mas como expressões de processos psíquicos em elaboração, o educador cria condições para que a criança possa se reconhecer como sujeito, reconhecer o outro em sua diferença e construir formas mais elaboradas de convivência. Assim, práticas pedagógicas fundamentadas na escuta, no diálogo e na mediação simbólica — como a conversação, as rodas de conversa e as assembleias — favorecem experiências alinhadas aos objetivos desse campo da BNCC, contribuindo para a formação de vínculos, para o desenvolvimento da empatia e para a participação da criança na construção do “nós”, elemento central tanto para a educação infantil quanto para a constituição psíquica do sujeito.

Assim, o potencial da psicanálise para a pedagogia contemporânea reside não apenas na oferta de categorias teóricas para interpretar o comportamento infantil, mas na indicação de práticas que valorizem a palavra, a escuta e a singularidade do sujeito. Ao incorporar dispositivos como a conversação e ao diferenciar limite de repressão, a escola pode se tornar um espaço de elaboração subjetiva, no qual agressividade e frustração deixam de ser vistas como falhas e passam a ser compreendidas como parte constitutiva do processo de formação humana.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como propósito refletir, sob a ótica da psicanálise, sobre os desafios relacionados à agressividade e à frustração na Educação Infantil, considerando os aspectos inconscientes que atravessam as experiências e relações das crianças nessa etapa do desenvolvimento. A partir da revisão teórica realizada, foi possível compreender que essas manifestações não devem ser entendidas como simples problemas de comportamento, mas como expressões legítimas de processos psíquicos estruturantes, que fazem parte da constituição do sujeito e de sua relação com o outro.

Ao dialogar com autores como Freud, Winnicott, Lacan e Mrech, o estudo evidenciou que a agressividade e a frustração possuem funções fundamentais no amadurecimento emocional da criança. A agressividade, longe de representar apenas destrutividade, surge como energia pulsional que, quando acolhida e simbolizada, pode ser canalizada para a criatividade e para a aprendizagem. A frustração, por sua vez, constitui uma experiência inevitável e necessária, pois permite à criança lidar com limites, reconhecer a alteridade e desenvolver recursos internos para enfrentar contrariedades. Assim, a escola, ao impor regras, promover a convivência e exigir o adiamento da satisfação, torna-se um espaço essencial para a mediação dessas vivências, contribuindo para a formação emocional e ética da criança.

A análise teórica também evidenciou a relevância do Complexo de Édipo e das dinâmicas inconscientes que se manifestam nas relações entre alunos e professores. Compreender tais aspectos permite interpretar comportamentos infantis, como resistência, desobediência ou retraimento, não como falhas morais, mas como expressões simbólicas de conflitos internos. Essa leitura amplia o olhar do educador, que passa a reconhecer na criança um sujeito de desejo e não apenas um indivíduo a ser disciplinado.

Nesse sentido, a pesquisa reafirma a importância de uma formação docente que contemple fundamentos psicanalíticos, possibilitando ao educador desenvolver uma escuta sensível e uma postura reflexiva diante das manifestações emocionais infantis. Práticas pedagógicas inspiradas nesse olhar podem transformar a sala de aula em um espaço de acolhimento e elaboração, onde a palavra substitui o ato impulsivo e as emoções encontram lugar para serem simbolizadas. O dispositivo da conversação, abordado neste trabalho, surge como uma proposta potente nesse processo, ao criar oportunidades de diálogo e promover a construção coletiva de sentidos para os conflitos que emergem no cotidiano escolar.

Conclui-se, portanto, que os objetivos propostos foram alcançados, uma vez que o estudo permitiu compreender, sob a perspectiva psicanalítica, os fatores que influenciam o comportamento infantil e refletir sobre como o reconhecimento dos aspectos inconscientes pode contribuir para práticas pedagógicas mais humanizadas. A pesquisa oferece, assim, uma importante contribuição teórica ao campo da Educação Infantil, ao aproximar a psicanálise da prática educativa e ao destacar o papel do educador como mediador das emoções e promotor do desenvolvimento integral da criança.

Entretanto, reconhece-se como limitação o caráter exclusivamente bibliográfico deste estudo, que não permitiu a observação empírica das manifestações de agressividade e frustração no ambiente escolar. Dessa forma, recomenda-se que investigações futuras realizem estudos de campo com professores e crianças, a fim de aprofundar a compreensão dos efeitos concretos da escuta psicanalítica nas práticas pedagógicas.

Por fim, reafirma-se a importância de considerar a dimensão inconsciente na educação, compreendendo que a aprendizagem não se restringe ao domínio cognitivo, mas envolve afetos, desejos e conflitos. Uma escola que acolhe o sujeito em sua totalidade, reconhecendo suas fragilidades e potencialidades, é capaz de promover não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também a formação emocional e ética, contribuindo para uma educação verdadeiramente humanizadora.

Portanto, ao considerar os aspectos inconscientes envolvidos nos comportamentos infantis, os profissionais da educação poderiam melhor compreender as emoções infantis e proporcionar um espaço educacional que respeite a subjetividade da criança. Se os educadores forem preparados para lidar com a agressividade e a frustração de maneira compreensiva e estruturada, seria possível promover um ambiente em que a criança se sinta segura para expressar suas emoções, aprender com os desafios e desenvolver habilidades socioemocionais essenciais para sua formação.

## Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**, v.14. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 101-140.

FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1915-1917). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**, v.13. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. Inibições, sintomas e ansiedade (1926). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**, v.17. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 11-134.

FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**, v.22. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FREUD, Sigmund. O Eu e o Id, autobiografia e outros textos (1923-1925). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**, v.16. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. O inconsciente (1915). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**, v.14. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 20-90.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**, v.21. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 11-144.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**, v. 6. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 13-176.

JACOB, Ruth T. S. et al. O dispositivo da conversação em escolas públicas: experiências e reflexões. **Cadernos de Psicanálise** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 55–72, 2008.

KAËS, René. **O grupo e o sujeito do grupo: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 2000.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 4: A relação de objeto (1956-1957)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MIRANDA, Célia; VASCONCELOS, Ana; SANTIAGO, Ana. Dispositivo da conversação e infância: uma proposta interdisciplinar. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 9, n. 4, p. 662–676, 2006.

MRECH, Leny Magalhães. **Psicanálise e educação: novos operadores de leitura**. São Paulo: Cengage, 2002.

MRECH, Leny; RAHME, Mônica. **A conversação e o espaço escolar: escutar para educar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

NASIO, Juan-David. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

**RAY** (Ray Charles) [Filme]. Direção: Taylor Hackford. Intérprete principal: Jamie Foxx. Produção: Taylor Hackford, Stuart Benjamin, Howard Baldwin. EUA: Universal Pictures; Bristol Bay Productions; Anvil Filmes; Afterward, 2004. Disponível em: Netflix. Acesso em: 12 set. 2025

ROCHA, Janaina Thaís Lima da; CASTRO, Mariana Matos de. Agressividade infantil nas escolas e psicanálise: um estudo literário narrativo. **Psicologia e Saúde em Debate**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 70–79, 2019.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SOUZA, Marcos Rogério dos Santos; OLIVEIRA, Carla de. Psicanálise e educação: a transferência na educação infantil. **Cadernos de Iniciação Científica** (Fundação Joaquim Nabuco), Recife, v. 22, n. 2, p. 101–118, jul./dez. 2020.

WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre o desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.